Facultad de Psicología - Universidad Nacional de Mar del Plata

Repositorio RPsico **http://rpsico.mdp.edu.ar**

Revista Perspectivas en Psicología 2005 - Volumen 2, Nº 1

2019-06-13

R umos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia: análise crítica do surgimento da psicopedagogia na américa- latina

Siqueira de Andrade, Márcia

http://rpsico.mdp.edu.ar/handle/123456789/1018

Descargado de RPsico, Repositorio de Psicología. Facultad de Psicología - Universidad Nacional de Mar del Plata. Inni

R umos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia : análise crítica do surgimento da psicopedagogia na américa- latina

Márcia Siqueira de Andrade[1]

Resumo

Este artigo remete ao resgate histórico da psicopedagogia na América Latina, em especial na Argentina e Brasil. Traz um breve recorte do contexto social, econômico e cultural dos dois países desde a colonização até o início do século XXI, ressaltando etapas marcantes para o surgimento e constituição dessa área de conhecimento na região focalizada.

Levanta os principais indicadores explicitados no conteúdo apresentado, sistematizando categorias de análise das práticas psicopedagógicas, iluminando, a situação da psicopedagogia enquanto área de conhecimento.

Palavras chave: Educação- Psicopedagogia- Teoria- Pesquisa.

Routes and directions of psychopedagogic courses: critical analysis of psychopedagogic outbreak in Latin America.

Abstract

This article remits to historical rescue of psichopedagogic in Latin America, especially in Brazil and Argentina. It brings a brief part of the social, economical and cultural context of both countries since the colonization until the 21st century, standing out remarkable steps for the appearing and constitution of this knowledge area in the focused area.

It points out the main indicators fully revealed in the presented content, classifying analysis categories of psichopedagogical practices, shining the psichopedagogic situation as a knowledge area.

[1]Instituto de Psicopedagogia da Universidade de Santo Amaro Av. Adolfo Pinheiro, n.1000, s/l 01, cep. Santo Amaro, São Paulo, S.P. Brasil. (11) 5545-8570. E-mail: mandrade@unisa.br

Key words: Education- Psichopedagogy-Theory-Researches.

Introdução:

A necessidade de um estudo sistematizado sobre a práxis psicopedagógica decorre da sinuosa história das idéias sobre aprendizagem e suas vicissitudes.

O campo da intervenção psicoeducativa constitui historicamente, um espaço comum de intervenção de diversas profissões: especialistas em educação com orientação psicossociológica e dos psicólogos com especialização educacional. Para Coll (1989) a psicopedagogia surge como necessidade de unificar a formação do conjunto de profissionais que intervêm no campo psicoeducativo, focalizando o estudo dos processos de aprendizagem.

A literatura especializada[i] relata práticas psicopedagógicas cuja natureza pode sistematizar-se nas seguintes categorias:

-Problemática e objeto de intervenção: as práticas psicopedagógicas centram-se na otimização do processo de aprendizagem ou na intervenção da problemática da aprendizagem, incluindo aspectos perturbados e preservados.

- Destinatários da intervenção: a intervenção dirige-se alternadamente a sujeitos, singulares ou em grupos, pertencentes a setores populacionais circunscritos.

- Âmbitos de intervenção: são múltiplas e diversas. Intervém no sistema educativo, desde a sala de aula até a instituição, em consultórios, em centros de saúde, em organizações empresariais e em centros comunitários.

- Surgimento da demanda: a procedência da demanda de intervenção também resulta múltipla, podendo surgir de qualquer dos integrantes de uma família, de uma instituição, de uma corporação.

- Estratégias de intervenção: as práticas psicopedagógicas recorrem a um amplo espectro de técnicas e estratégias de intervenção: entrevistas, coordenação de trabalhos interdisciplinares, grupos terapêuticos, técnicas de coleta de dados diagnósticas, estratégias terapêuticas, assessoramento e coordenação de projetos educativos institucionais e projetos pedagógicos inovadores, entre várias estratégias mais específicas.

- Marcos conceituais: as intervenções psicopedagógicas tentam articular conhecimentos procedentes de disciplinas diversas e desenvolvimentos teóricos, às vezes complementares, às vezes contraditórios. Em uma enumeração incompleta temos: a psicologia do desenvolvimento, as teorias de aprendizagem, a psicologia da educação, a teoria psicanalítica, psicologia clínica, psicologia social e das organizações, a sociologia da educação, as neurociências, a didática e as didáticas específicas, as disciplinas referenciais do currículo, a epistemologia.

O conjunto de categorias sistematizado para analisar as práticas psicopedagógicas coincide parcialmente com os eixos conceituais básicos da intervenção psicoeducativa que identifica Coll (1989). Cada eixo deve ser pensado como um continuum que, em conjunto, provêm um marco conceitual que favorece a compreensão do vasto espectro das práticas psicopedagógicas.

O quadro a seguir sistematiza as categorias analisadas comparando a prática educativa e a psicológica.

A natureza dos objetivos de intervenção	Estritamente educativo	Estritamente psicológico
Modalidade de intervenção	Intervenções enriquecedoras	Intervenções corretivas ou preventivas ou terapêuticas
Caráter das intervenções	Direta e imediata	Indireta ou mediatizada
Lugar das intervenções	Escolar	Extra-escolar

Quando se busca uma reflexão conceitual acerca dos contextos práticos psicopedagógicos procurando identificar denominadores comuns a práticas aparentemente díspares o traço distintivo que surge é o da heterogeneidade pois o campo de atuação psicopedagógica se caracteriza por:

- Uma progressiva acumulação de funções já que a configuração profissional da prática psicopedagógica foi se delimitando mediante a realização de tarefas e funções múltiplas.

- Diversidade e heterogeneidade disciplinar na formação para a interpretação e intervenção psicopedagógica: uma das características dos processos psicoeducativos é a

complexidade estrutural e funcional, que só é explicável à partir de óticas disciplinares diversas.

A multidimensionalidade do objeto psicopedagógico

Algumas aproximações à definição do campo de intervenção psicopedagógico, consideram que a psicopedagogia constitui um conjunto de práticas institucionalizadas de intervenção no campo da aprendizagem, seja como prevenção seja como diagnóstico e tratamento de transtornos, seja como modificação do processo de aprendizagem escolar, uma área que estuda e trabalha com o processo de aprendizagem e suas dificuldades.

Seus domínios específicos são: o sujeito do conhecimento e o agente de transmissão e as dimensões constitutivas dos mesmos. O sujeito-objeto da psicopedagogia é o ser humano em situação de aprendizagem, contextualizado (Muller,1985). Não existe uma teoria referencial hegemônica da práxis psicopedagógica, precisamente porque nenhuma das teorias contemporâneas pode ao mesmo tempo compreender as múltiplas dimensões que intervêm no objeto psicopedagógico, senão que recorrem a marcos conceituais e instrumentações teóricas.

A identificação, e a redução, do âmbito disciplinar da psicopedagogia como uma teoria compreensiva do complexo fenômeno da aprendizagem em contextos terapêuticos e educativos supõe formar-se, à partir de múltiplos marcos teóricos, sua consideração crítica e a articulação de seus aportes que favoreçam a compreensão de questões específicas da intervenção psicopedagógica.

Supõe reconstruir uma fundamentação teórica rigorosa, com a utilização crítica das teorias e disciplinas constitutivas de acordo com as questões e as problemáticas que a intervenção pranteia .

A psicopedagogia com a utilização de diferentes significados, nem sempre nitidamente delimitados, aplicados ao mesmo termo, acabou por permitir que houvesse uma invasão de fronteiras e o resultado foi uma situação confusional que se projeta também no campo da prática. Fala-se de uma psicopedagogia clínica que se ocupa da recuperação de crianças que não conseguem aprender. Nesse sentido, corresponde, então, a uma

intervenção, a um modo de tratamento de uma enfermidade, cujo objetivo a ser alcançado é a possibilidade do sujeito aprender de forma saudável.

Fala-se também de uma psicopedagogia institucional que propõe uma atuação preventiva dentro do âmbito escolar, no sentido de instrumentalizar a criança como um todo, propiciando-lhe uma educação integrada que compreenda as capacidades reais adequadas à própria proposta pedagógica.

Fala-se, ainda, de orientação psicopedagógica e, dentro dessa perspectiva, as duas psicopedagogias - clínica e institucional - estão referidas, visto que orientação psicopedagógica é entendida como o processo pelo qual se proporcionam condições que facilitem o desenvolvimento do indivíduo, do grupo, da instituição e da comunidade, bem como prevenção e solução de dificuldades existentes, de modo a atingir objetivos educacionais e pedagógicos.

Todas essas três concepções se ligam a um outro aspecto que é preciso também ser entendido - a psicopedagogia teoria. O que se pretende, é tão somente tentar o desafio de uma tradução apropriada de certos fenômenos que estão sendo todos referenciados ao mesmo termo mas que, na verdade, significam conceitos diferentes.

Dentro do que é denominado psicopedagogia, pretendemos, distinguir pelo menos três conotações, diferentes: como uma prática; como um campo de investigação do ato de aprender; como um saber científico.

Como prática consideraremos as seguintes incumbências:

- Assessorar sobre a caracterização do processo de aprendizagem, suas perturbações e, ou anomalias, para favorecer as condições ótimas do mesmo no ser humano, ao largo de todas as etapas de desenvolvimento, tanto individual como grupalmente no âmbito da educação e da saúde mental.

- Realizar ações que possibilitem a detecção das perturbações e, ou anomalias no processo de aprendizagem.

- Participar da dinâmica das relações da comunidade educativa, com o fim de favorecer os processos de integração e troca.

- Orientar a respeito das adequações metodológicas relacionadas com as características bio-psico-socio-cultural dos indivíduos e grupos.

-Realizar processos de orientação vocacional -ocupacional nas modalidades individual e grupal.

- Realizar diagnóstico dos aspectos preservados e das perturbações, comprometidos com o processo de aprendizagem, para efetuar prognósticos de evolução.

- Explorar as características psico-evolutivas do sujeito em situação de aprendizagem.

- Implementar sobre a base do diagnóstico as estratégias específicas de tratamento, orientação e derivação, destinadas a desenvolver processos harmônicos de aprendizagens.

- Participar de equipes interdisciplinares responsáveis pela elaboração, direção, execução e avaliação de planos, programas e projetos nas áreas de educação e saúde mental.

A psicopedagogia, por força da eficiência conseguida na prática clínica, tem caminhado no sentido de estruturar-se como um corpo de conhecimentos. Nesse sentido, essa prática clínica tem-se transformado em campo de estudos para investigadores que se interessam principalmente por alguns fenômenos que estão na interface da psicologia e da educação - mais precisamente a construção do conhecimento e as dificuldades que essa construção apresenta. Vista sob esse ângulo, a psicopedagogia é, então, um campo de investigação que descarta qualquer recorte da realidade que impeça uma visão mais completa do fenômeno pesquisado. Tem como objetivo o estudo ato de aprender, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E mais: procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procura colocar, em pé de igualdade, os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que estão implícitos. Nesse sentido, tem usado principalmente os cânones da pesquisa qualitativa, etnográfica, optando pelo modelo de pesquisa-ação quando se realiza concomitante com a prática clínica de atendimento.

Neste caso, o psicopedagogo como investigador procura, a partir dos dados diagnósticos e de evolução do tratamento, as formas e a qualidade do funcionamento das estruturas cognitivas e afetivas, numa conjugação entre o substrato biofisiológico do sujeito, suas experiências e as condições advindas de fora.

Apesar da psicopedagogia apresentar uma prática clínica que tem demonstrado bons resultados, a sua validade como um corpo de conhecimentos estruturalmente organizado não pode ser afirmada ou negada somente tomando-se como base essa eficiência. Para chegar à grandeza de um saber científico, a psicopedagogia precisa ir além da mera constatação de fatos que se agrupam sem grandes critérios críticos e abandonar o nível de representações esquemáticas e sumárias formadas apenas pela prática e para a prática. É necessário e imprescindível que os dados coletados sejam efetivamente referendados a um contexto teórico tal, que permita a interpretação desses dados brutos e oriente a investigação. Para adquirir, então, o status de teoria científica, é mister que sua construção teórica apresente um sistema mais ou menos consistente de enunciados que unifique e aprofunde idéias, as quais, no estado pré-teórico, haviam sido mais ou menos intuitivas, imprecisas, esquemáticas e desconectadas.

Espera-se que esse sistema de hipóteses propicie explicações adequadas para os dados reais; que viabilize previsões e principalmente que seja passível de refutação, porque não se busca numa teoria científica que ela seja perfeita; ela será sempre uma tradução aproximada da realidade e, nesse sentido, não está livre de erros. Finalmente, espera-se que comporte modelos conceituais capazes de representar certos aspectos da realidade, embora não se pretenda nunca que interprete a realidade inteira, porquanto a correspondência entre os modelos teóricos e seus correlatos empíricos é sempre uma correspondência de sistema em sistema.

A estruturação dos dados numa construção teórica exige, assim, uma segunda ordem de problema que consiste em escolher que tipo de construção vai ser utilizada na organização desse saber: se aquela construída como um agregado de dados empíricos, sem a preocupação de encaixe em um contexto mais amplo, ou seja, fruto da inferência pura; ou aquela que pressupõe a presença de construções hipotéticas nas quais os dados já estão comprometidos por um a priori, por uma atitude metateórica.

Ora, sabemos que o processo fundamental na formação de uma teoria é não somente possibilitar que o sensível se torne racional, mas também pode tornar a prioriacional adequado ao factual. É essa possibilidade de manutenção de uma relação dialética entre seus próprios modelos e o empírico que confere valor a uma teoria científica. As

construções advindas da simples inferência devem ser tomadas somente como uma situação provisória em meio do caminho; muito importantes, sim, na construção do saber científico, mas não ainda um saber; apenas um pré-saber.

Para se compreender em que momento a psicopedagogia está na busca desse estatuto de cientificidade, é necessário, portanto, que se caracterize o conjunto de conhecimento que ela já possui estruturado, ao longo do processo.

Na verdade, a psicopedagogia, parece estar ainda numa fase de pré-saber, embora se assente numa empiria, numa experiência válida. O pré-saber está relacionado àquela primeira aquisição, que não pode ser considerada científica, de estados mentais formados de modo mais ou menos natural ou espontâneo. São pré-noções que têm por função reconciliar o pensamento comum consigo mesmo, propondo certas explicações que, entretanto, pela sua precariedade se revestem ainda de uma característica ambígua.

Entretanto, o fato de achar-se ainda nessa fase de saber pré-científico não implica que a psicopedagogia não possa produzir teoria. É exatamente nesse começo, quando ainda existem poucas generalizações, que é recomendável tentar-se as construções teóricas.

Para pensar é preciso perguntar

Na sociedade do conhecimento, num mundo globalizado, organizado em comunidades continentais como a União Européia e o Mercosul dentre outros, a discussão sobre os rumos e as diretrizes dos cursos de psicopedagogia na América Latina remete a três perguntas iniciais :

1. de que curso falamos? formação superior, graduação, especialização, mestrado ou doutorado?

2. de que psicopedagogia falamos? clínica, cognitivista, sistêmica, reeducativa, epistemologia convergente, analítica?

3. de onde falamos? Brasil, América Latina, Europa, Estados Unidos, Mercosul, União Européa?

A resposta ao tema não pode ser encontrada logo de pronto. O que se pretende, portanto, é tão somente tentar o desafio de uma tradução apropriada da questão que

referencia o mesmo termo a perspectivas muito diferentes, buscando contextualizar distintos processos de construção de um único objeto: a psicopedagogia.

Com o intuito de contextualizar os rumos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia trataremos de examinar os três pontos anteriormente elencados. Iniciaremos pensando na América Latina, delimitando o onde.

A comunidade latino americana tem, em termos quantitativos, uma concentração significativa de cursos de psicopedagogia em distintos níveis, principalmente graduação e especialização, e diferentes abordagens teóricas nos países da Argentina, Brasil, Uruguai, por ordem descendente. Encontramos ainda em menor escala algumas experiências no Chile, Peru e Colômbia. Por uma questão de foco, tempo e espaço, vamos concentrar esta explanação nos países de maior relevância quantitativa: Argentina e Brasil.

A psicopedagogia na Argentina

Na Argentina a psicopedagogia descende da nobreza de universidades européias, principalmente da Espanha. A primeira Universidade do país, a Universidad Nacional de Córdoba, foi fundada no início do século XVII (1622), organizada institucionalmente nos parâmetros europeus. Muitos espanhóis emigraram para a colônia para fazer fortuna e voltar para a corte. Trouxeram na bagagem as idéias e a cultura de valorização do conhecimento mantendo sempre com a Europa profícuo intercâmbio, de tal forma que as idéias revolucionárias de Freud e seus seguidores não encontraram barreiras para conquistar o novo continente.

O primeiro centro de psicopedagogia foi instituído na Europa na década de 1920, ligado ao pensamento psicanalítico de Lacan. Profissionais como Françoise Dolto, Maud Mannoni dentre outras, buscando uma aplicação dos pressupostos teóricos da psicanálise na educação infantil, iniciaram a prática que deu origem a psicopedagogia clínica.

Ao final da década de quarenta no século passado a psicopedagogia inaugura-se como uma disciplina na recém criada Facultad de Psicologia da Universidad del Salvador, Buenos Aires.

Já em 1956 a Psicopedagogia constitui-se como curso de graduação de três anos, para formar docentes capazes de atuar na psicologia aplicada a educação, dedicada

explicitamente ao aperfeiçoamento docente e ao âmbito educativo, na confluência da psicologia e pedagogia. Essa atuação abarcava aspectos preventivos, assessoramento e orientação nas aprendizagens sistemáticas e assistemáticas, e terapêuticos, diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.

A psicopedagogia no Brasil

Para pensarmos nos cursos de especialização em psicopedagogia no Brasil devemos recuperar o processo histórico que gestou essa proposta em nosso país, colonizado por Portugal, habitado pelos índios posteriormente catequizados pelos jesuítas num contexto epistemológico em que a verdade era uma só, imutável, incontestável e estava com a Igreja.

Diversamente da Argentina colonizada por um povo que trouxe sua cultura para a nova terra, no Brasil os índios e posteriormente os escravos africanos não podiam viver, pensar, expressar, mostrar sua cultura, desvalorizada, desqualificada e desautorizada pelo emigrante que aqui aportava para levar as riquezas da colônia para Portugal. O Brasil e seus habitantes eram vistos com desdém pela corte que, fugindo de Napoleão, aqui precisou viver. Os nobres e os ricos retornavam à Europa para estudar .

A primeira universidade brasileira, a Universidade de São Paulo, foi criada por decisão do governador, Armando de Salles somente em 1934 num contexto marcado por importantes transformações sociais, políticas e culturais. Até esta data o acesso do povo brasileiro ao ensino universitário só era possível fora do Brasil.

Entretanto a entrada da mulher na universidade foi franqueada apenas em 1949, com a criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras quando pela primeira vez, uma instituição de ensino superior incluiu, de modo significativo, na composição de sua clientela mulheres e filhos de imigrantes, em especial judeus. A principal razão para essa mudança foi, sobretudo porque a aquisição de conhecimentos começara a ser vista como um capital, que a classe alta em decadência desejava adquirir para compensar seu declínio econômico, e para a classe média porque significava o meio mais indicado de ascensão social.

Na década de 1960 a implantação do regime militar em países da América Latina traz a repressão à liberdade de expressão, transformando o livre pensador em inimigo político cujo destino era a prisão, a morte ou o exílio.

Neste momento, a psicopedagogia ganha espaço no cenário brasileiro trazida principalmente pelos exilados argentinos. Um tempo que, mesmo marcado pelo exercício do poder militar, pode ser considerado um dos mais produtivos para a cultura, as artes e a ciência. Nessa posição a arte aparece como metáfora do não dito e transforma-se no espaço privilegiado de autoria. Este paradoxo pode ser compreendido pelas idéias de Foucault (1995, p. 236) as relações de poder não são apenas repressivas, elas são, antes de tudo, produtivas.

> O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que, de fato, ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

Desta forma a psicopedagogia chega ao Brasil marcada pela clandestinidade e vai, na medida das possibilidades, produzindo saberes, organizando-se enquanto práxis, mas excluída da academia.

Em 1979, decorrido quase vinte anos de prática, surge em São Paulo, capital, o Sedes Sapientae, que prescinde da autorização do estado abrindo mão da validação acadêmica dos certificados por ela emitidos em troca do exercício da liberdade de pensamento, expressão multidisciplinar e da formação de profissionais cuja ética não se pautasse em simples formalismo legal, mas que se comprometesse com os direitos da pessoa humana. Surge aí o primeiro curso de especialização em psicopedagogia no Brasil fomentando outros espaços de autoria em diferentes instituições acadêmicas, no nível de ensino que o estado exerce até hoje menor grau de regulamentação e controle: a especialização.

No início do século XXI contamos no Brasil, na área da psicopedagogia, além dos mais de 120 cursos de especialização, com:

A) curso superior de curta duração, dois anos, na Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro;

B) com curso de graduação em psicopedagogia com a duração de quatro anos no Centro Universitário LaSalle, (início 01/ 2003).

C) um mestrado em psicopedagogia, com duração de dezoito a vinte e quatro meses, iniciado em 1999, na área de conhecimento multidisciplinar rompendo o cordão umbilical com a psicologia e a pedagogia enquanto áreas de conhecimento das quais somos, muitas vezes um apêndice.

D) um doutorado em psicopedagogia, na área das Ciências Humanas na Universidade de Santo Amaro, iniciado em 2001, com duração de três a quatro anos na capital do estado de São Paulo.

Desta forma estamos de forma especular refazendo o caminho percorrido pela psicopedagogia na Argentina, buscando a autonomia de uma disciplina, delimitando cientificamente sua temática, a aprendizagem humana; seu objeto de estudo, o pensamento cristalizado na expressão de autoria; seu sujeito, o sujeito em situação de aprendizagem, ou sujeito aprendente; seu método de pesquisa, a pesquisa de intervenção.

Considerações finais

Após estas breves considerações delimitamos pontos que exigem discussão, reflexão e tomada de consciência para que esta história não se perca na formação de guetos, na ingenuidade intelectual, no discurso vazio:

1. Inserir o Brasil no contexto da América Latina: o intercâmbio com outros países, outras culturas, outras formas de ver, pensar e viver a psicopedagogia nos coloca em contato com o diferente e com a angústia que esta constatação desperta. Por outro lado, a posição narcisista impede que eu me reconheça no outro e conheça o outro em mim.

2. Buscar competência técnica e científica para a construção do arcabouço teórico da psicopedagogia, delimitando suas categorias conceituais.

3. Realizar pesquisas em parceria com outros grupos de pesquisa em outras universidades, em outros países pleiteando financiamento para os diversos organismos internacionais que investem na América Latina.

4. Publicar em periódicos internacionais o resultado das pesquisas realizadas.

Outras tantas questões podem ser discutidas, este texto reflete a experiência e o pensamento da autora que dá a sua resposta, construindo em contrapartida o espaço de inúmeras perguntas.

Referencias

Ageno, R. (1992). Clínica grupal en educación. *Aprendizaje Hoy, 23*, 19-25.

Arzeno, M. (1995). Aportes de la clínica psicopedagógica a la comprensión de los processos de aprendizaje. *Escritos de la infância , 6,* 115-124.

Butelman, I. (1991). *Psicopedagogia Institucional*. Buenos Aires: Paidós.

Castorina, J. (1989). Obstáculos epistemológicos en la constitución de la disciplina psicopedagógica. En Castorina, J.; B. Aisemberg; C. Dibar Ure; Palau & C. Colinvaux. *Problemas em psicologia genética*. Buenos Aires: Miño y Dávila.

Castorina, J. (1990). El aprendizaje en la perspectiva interdisciplinaria. *Temas de Psicopedagogia, 4*, 15-18.

Coll, C. (1989). *Conocimiento psicológico y práctica educativa*. Barcelona: Barcanova.

Dabas, E. (1986). Teoría y técnica en psicopedagogia. El abordaje clínico a través de la creación de un espacio de juego entre el psicopedagogo y el niño. *Aprendizaje Hoy, 14*, 19-29.

Foucault, M. (1995). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Lajonquiére, L. de (1992). La clínica psicopedagógica y el discreto encanto de eso llamado afectividad. *Aprendizaje Hoy* , *23*, 91-110.

Lima Scoz, J. (1991). La identidad profesional del psicopedagogo. *Boletin Institucional Fundación Eppec* , *3*, 4-5.

Levy, E. (1992). El proceso diagnóstico em la intervención psicopedagógica. *Aprendizaje Hoy, 23*, 7-14.

Matteoda, M.; A. Meneguzzi; D. Ochoa ; D. Rainero & M. Valle de Hamity (1993). Conversaciones con Cesar Coll. *Aprendizaje Hoy* , *25*, 13-23.

Muller, M. (1984). Psicología y Psicopedagogos. Acerca del campo ocupacional y la clínica psicopedagógica. *Temas de psicopedagogia, 1*, 7-20.

Muller, M. (1985). Psicopedagogía y orientación vocacional. *Aprendizaje Hoy* , *10*, 65-70.

Perkins, D. (1995). *La escuela inteligente*. Barcelona: Gedisa.

Solé, I. (1997). La concepción constructivista y el assessoramiento en centros. *Infancia y Aprendizaje, 77*, 77-95.

Vinh-Bang, (1990) . La intervention psychopedagogique. *Archives de Psychologie* , *58*, 123-135.